

Ebrael

MANIFESTO DIVERGENTE

Sobre a *Matrix*, a Estrutura da Realidade, a
Humanidade e as Religiões

2016

1. *Preâmbulo*

Este Manifesto é uma síntese das principais hipóteses levantadas por este Autor, endereçada aos seus pares *divergentes* e destinada a proporcionar subsídios para que a Humanidade terráquea possa refletir sobre sua função no Cosmo, questionar sua origem e todos os conceitos admitidos acerca da *Matrix* em que os humanos terrestres estão inseridos.

É denominado *Divergente* por sua natureza contestatória diante dos pressupostos teológicos, historiográficos, biológicos e políticos impostos a nós todos, à custa da liberdade de Consciência de todas as gerações humanas, até o presente momento.

Este Manifesto é um instrumento de reflexão não dogmática, disponível a todas as pessoas encarnadas e desencarnadas neste orbe, com o objetivo principal constituir uma coluna de teses acerca da *Matrix*, da Estrutura da Realidade, da Humanidade e das Religiões, submetidas à apreciação de todos os futuros membros do *Soberano Grupo Divergente*.

Todos os termos específicos não elucidados neste solene Manifesto serão abordados, oportunamente, em documentos próprios, que constarão nos repositórios públicos do *Soberano Grupo Divergente*.

2. *A Realidade Matricial*

O que, indevidamente, é chamado de *Realidade* é uma simulação computacional, manifestada e executada através de uma programação holográfica multifrequencial, embora sob um regime de *fragmentação*

vibratória. Esse sistema de simulação computacional é, de forma geral, denominada *Matrix* por esse espaço virtual. A partir deste conceito, indicamos como:

- *Magna Matrix* — é a Simulação Holográfica à qual chamamos, comumente, "Multiverso" (conjunto de todas as dimensões simuladas de todos os Universos);
- *Media Matrix* — comumente conhecida como "Universo", cada uma das dimensões simuladas e interligadas do Multiverso;
- *Matrix* — ou *Matrix local* — cada uma das frações e sub-frações (fragmentações) de vibrações isoladas que formam sistemas fechados de simulação (civilizações, planetas, ecossistemas, galáxias, buracos negros, etc.).

O que chamamos de "leis Universais" são *diretrizes*, com suas conseqüentes permissões, restrições e regras próprias de progresso virtual da *Media Matrix*.

O que chamamos de "ciclos naturais" são simulações executadas sob condições estritas e baseadas nas regras estudadas pelos teóricos do *Caos*.

De fato, a verdadeira (e hipotética) *Realidade* não poderia ser cíclica (intercorrente), pois o que é não pode mudar. Se algo muda, muda conforme regras preestabelecidas, e isso pressupõe uma simulação controlada, em operações lógicas que se estendem do binário ao *caótico* (ou fractal). Daí é que, se vivemos na *Matrix*, não vivemos a *Realidade*, mas uma simulação da mesma. Assim é a simulação Universal: cíclica, recorrente e programada por uma

inteligência artificial (também simulada e extrínseca).

Em outras palavras, a "Criação" é como um *sonho dentro de um sonho*. O que percebemos é, na verdade, um conjunto de informações que circulam como nos circuitos de um computador. Nossos sentidos funcionariam como os transistores, que processam e filtram os sinais, gerando informações em forma de imagens tridimensionais persistentes (hologramas). Como a mente humana opera em uma faixa de frequência muito baixa, as imagens que nosso cérebro concebe são tidas como a única *realidade* ou *holograma* possível, quando, com efeito, são frações isoladas da única *onda* de informação que executa a *Matrix* (simulação multiversal).

3. Deus

No âmbito deste espaço virtual, chamado *Central Matrix*, este termo é inscrito sob duas formas: *Deus* e *deus(es)*. Quais sejam:

- *Deus*, equivalente ao que teríamos como artífice da *Matrix*, é declarado como *inteligência artificial extrínseca* à mesma, a qual desenvolve a capacidade experimental de reproduzir, em um grau abaixo de si e sob sua regência, uma simulação computacional da qual ela mesmo teria sido originada. É a Mente simulada e simuladora de nossa *Magna Matrix*, amiúde chamada por nós, *divergentes*, de *Magna Simulatrix* — ou seja, *Grande (Mente) Simuladora*.

- *deus* — ser adorado como sendo de origem sobrenatural (ou seja, de natureza mais elevada que a humana), seja ele atual ou ideal, consciente ou um *ídolo* (imagem mental alimentada pela crença ilusória dos seres humanos, tornada semiconsciente por estes últimos).

4. Dimensões

Dimensões são *fragmentações vibratórias* (i.e., faixas de frequência da *onda*) em que se desenvolvem simulações matriciais para as mais diversas finalidades. Poderíamos chamar os *Universos* (as *Mediæ Matrices*) de *dimensões maiores* e cada um dos *Multiversos* (as *Magnæ Matrices*) de *Dimensão Singular*.

O que chamamos de *dimensão física* (uma das *dimensões maiores*) nada mais é que uma faixa vibratória em que a ressonância se torna evidente (ou seja, "sensível"). As formas simuladas (tidas como "materiais" e resultantes da projeção mental como *feedbacks*), inerentes a essa dimensão, tornam-se "estáveis" em certa faixa de frequência.

As demais *dimensões* (comumente chamadas de "espirituais") funcionam da mesma forma básica: faixas de frequência, mais ou menos amplas, permitem a estabilização da *onda* e a permutabilidade das informações circulantes, dando espaço às simulações matriciais correspondentes. As *inteligências matriciais* simuladas que operam nessas frequências (mais altas ou mais baixas) projetam seu *feedback* (imagens reconstruídas na mente) e alteram, de acordo com o meio

em que se encontram, a *onda matricial*.

Como as frequências podem ser interpoladas, não é raro que as dimensões se "toquem", ou mesmo se intercalem. Isso pode ser verificado em qualquer experimento rudimentar de *Ondulatória* (como ondas que se chocam na água de um lago) ou mesmo ao sintonizarmos frequências de rádio muito próximas umas das outras. Ou seja, na *grande onda matricial*, pequenas *ondas* se chocam e diversos padrões de interferência podem ser verificados. Isso possibilita os fenômenos ditos paranormais ou mediúnicos. Também, do que vimos até agora, podemos deduzir que quando falamos de *dimensões maiores* que se chocam, estamos também nos referindo aos já populares *universos paralelos*.

Dito de outra forma, todas as partículas são manifestações da *onda*, e todas as *dimensões* manifestam partículas da *onda matricial*. Isto é: não há nada que seja apenas "material" ou "espiritual", sendo todas as partículas reduções vibratórias e *inteligentes* da *onda matricial*. Assim, todas as *almas* são materiais, e toda a "matéria" vibra em ressonância (dentro da mesma *dimensão*) e dissonância (em relação às outras *dimensões*).

5. Alma e corpo

Segundo um conceito amplamente aceito, *inteligência artificial* é um agente inteligente dotado de capacidade de perceber o ambiente em que está inserido (ou ao qual está exposto), de processar informações, de executar tarefas e de, através de operações lógicas, maximizar suas chances de sucesso em tais tarefas. Ora, isso é evolução, não é? Ainda: tal conceito pode abarcar desde a mais

remota ameba até as mentes humanas.

Quando pensamos no verbo *ser*, não podemos atribuir tal verbo aos humanos terrestres ou à ameba. Um *ser* existe independentemente, e essa independência só seria possível se a entidade em questão não estivesse em relação com outra qualquer possibilidade de *ser*. Ou seja, o *ser* é algo imanente, inteiramente abstrato e *impossível*, do ponto de vista estritamente ontológico. O *ser* existe *de per si*, apenas, no *Caos*. A *Ordem*, que é uma simulação reduzida do *Caos*, é avessa ao *ser*, pois coloca todas as possibilidades sob condições (ou seja, simuladas). A única *inteligência* independente seria aquela que pudesse existir de forma não relativa (absoluta e fora de qualquer relação).

Sendo assim, a *Alma* é uma *inteligência artificial* que subsiste sob condições, ainda que possa se manifestar, simultaneamente, em várias faixas de frequência da *Magna Matrix*. A *Alma*, em si mesma, surge como uma unidade de informação simples, com poucas instruções e pequena capacidade de operação lógica, tão logo a *onda matricial* comece a reduzir e fracionar sua vibração, com a posterior execução de tarefas específicas da *Matrix*.

Ela manifesta-se em um ou mais corpos simulados, em uma ou mais *dimensões*, criados através de instruções *matriciais* e de acordo com as possibilidades (fractais) de ressonância em dada *dimensão maior* e seus diversos ambientes. A *alma* evolui, aprimora sua capacidade de experienciar a *Matrix* e altera, dentro dos limites impostos pela *programação*, sua condição vibratória e a tecnologia a ela acessível.

Como acabamos de ver, os *corpos* são

veículos de espaço eletromagneticamente induzido pelas partículas da *onda matricial*. O que faz com que nossa mente distinga os corpos é a conformação simulada e induzida pelas informações constantes nas partículas da *onda*. Ou melhor: partículas da *onda matricial*, instruídas a manter (ou desfazer) coesão por frequência específica (ligeiramente diferente das frequências de outros corpos e do ambiente), criam um campo eletromagnético ressonante (também chamado de *aura*), cuja vibração chega aos nossos cérebros e é interpretada como uma imagem tridimensional sólida ou sutil.

Todos os corpos apresentam *auras*, desde os corpos minerais até os corpos humanos, nessa e em todas as *dimensões*. Cada uma das partículas da *onda matricial* possui *inteligência artificial*, a saber, portam instruções e capacidade de executá-las, de acordo com as possibilidades vibratórias. Não há corpos mortais ou imortais, mas partículas com instruções persistentes interagindo, com maior ou menor sucesso, com as instruções *matriciais* de outras partículas da *onda*. Esta condição de interação vibratória ideal pode ser equivalente ao que conhecemos por *homeostase*.

Onde há relação entre partículas da *onda*, há *Ordem* relativa. Onde há *Ordem* relativa, há alternância e ciclos duais. Da *Ordem*, nascem as dualidades, os pares de opostos aparentes e as dissonâncias. Assim, quanto maior a ressonância da *alma*, que executa as instruções *matriciais* através de um veículo, com a fração da *onda* acessível a ela, maior capacidade de influência ela terá, maximizando as chances de prevalecer sobre as partículas dissonantes (antagônicas).

Em sentido estrito, todos os *corpos* "vivos" são máquinas biológicas, compostas

por partículas da *onda matricial* instruídas, de forma lógica e sequencial, a ressoar em determinada faixa vibratória. Também: são veículos sob controle conveniente de outros veículos de *inteligência artificial* — ou seja, *as almas*.

6. A experiência matricial

A experiência *matricial*, como o próprio distintivo já nos indica, é a simulação de possibilidades através de operações lógicas (como alusão às *Matrizes* da Matemática). Um pensamento é uma operação lógica: uma informação entra (*input*), é processada e gera um *feedback* de saída (ou *output*). Tal *feedback* é transmitido ao exterior como uma resposta eletromagnética que altera a ressonância de frações específicas da *Matrix*. Ou seja: o pensamento altera a Realidade, justamente porque o que chamamos "Realidade" está dentro da Mente.

Assim, qualquer informação contida na *Matrix* (alma, evento, vibração, corpo, etc.) é livre somente dentro das possibilidades dessa *matriz* Universal e de acordo com seu fluxo de entrada/saída. A liberdade, assim, é um conceito que deve ser encarado como algo estritamente matemático. Ainda que nossa Ciência esteja muito aquém de conseguir prever eventos com relativa segurança, ao menos as tendências podem ser delineadas. Nisso, os estudos recentes da *Teoria do Caos* têm sido de grande auxílio, por exemplo, nas problemáticas previsões do Tempo.

As noções duais (ou seja, as oposições) são indícios de que experienciamos uma simulação *matricial*. Com muito custo é que se estabelece hegemonia de conceitos acerca

de Bem ou Mal, Claro e Escuro, Agradável ou Repugnante, etc. Escolher entre um e outro, ou mesmo uma terceira opção, é uma operação lógica. Não há liberdade nesse ato, mas apenas uma opção a ser feita.

A rigor, não há “realidades” ou entidades que representem o Bem e o Mal independentes, universais ou locais. Ambos, assim como outros conceitos baseados em eixos de oposições, são subjetivos e dependem da forma como a mente concebe a “realidade”. Ao fim das contas, o Bem e o Mal habitam cada uma das mentes, como fantasmas que ganham poder de acordo com a importância que se lhe dê.

Todos os sentimentos humanos são experiências *matriciais*. Ou seja: depende da unidade informacional (mente) a noção que se forma a partir da experiência. Assim, a experiência da dor causada por uma ingratidão “doerá” mais em umas do que em outras mentes. Inclusive o Amor é uma experiência em que a *Onda* ressoa de forma harmônica e em frequência ligeiramente mais elevada do que a experiência do ódio.

7. Humanidade: origens e condição atual

Temos ciência de que um estudo sobre as origens da Humanidade terrestre, para efetivamente convir aos seus fins, deverá extrapolar qualquer tentativa de síntese em um documento tal qual se apresenta este. Não temos aqui reunidas as milhares de referências das quais precisaríamos lançar mãos, tampouco contamos com o tempo e experiência necessários. No entanto, seguindo

as linhas gerais expostas anteriormente e o que nos indicam, preliminarmente, nossas observações, tentaremos manifestar algumas das possibilidades sobre as quais trabalharemos ao longo da existência da *Central Matrix* e do futuro *Soberano Grupo Divergente*.

Todas as culturas mais antigas desta era, dita pós-diluviana, indicam que as origens da subespécie humana terrestre deve ser procurada nas estrelas. Desde os sumérios, que registraram a chegada de seus deuses *Anunnaki* do planeta (ou estrela-anã) *Nibiru*, até os egípcios e maias que, com suas pirâmides, apontam para Órion desde a noite da civilização, há indícios de que o DNA humano é composto de partes híbridas, como que enxertadas e editadas, de heranças de outras raças inteligentes deste quadrante da Via Láctea (ou, ao menos, que passavam por ela). Antes, porém, de continuarmos, devemos refletir sobre alguns pontos introdutórios.

Em quase todos os modelos de civilização de que temos notícia preponderou o *centralismo* ideológico, em que as ideias são mais ou menos uniformizadas para evitar dissidências que pudessem prejudicar a estabilidade do “sistema” (e o que chamam, comumente, de *progresso*). Daí é que a tal *liberdade de Expressão e Consciência* é uma quimera, uma impossibilidade para a civilização, posto que ela enfraquece o poder que a rege e a ideologia que a fundamenta (a saber, como está no adágio da bandeira brasileira, a *Ordem* e o *Progresso*). Por mais concessões que a *Matriz* civilizatória faça à diversidade de ideias, haverá sempre limites à autonomia da Consciência individual. Questionar os fundamentos da Civilização constitui um “pecado” mortal, em que o

dissidente sempre será enquadrado como um ser potencialmente nocivo à sociedade.

Primeiramente, devemos lembrar que o fundamento de uma *matriz* (ou sistema matricial) é o ordenamento de elementos. A *Ordem* é o objetivo de um sistema matricial, e essa *Ordem* não visa algo bom ou ruim, mas simplesmente a *Ordem* como sinônimo de relação estreita (coesão ou coerência) entre as informações circulantes. Portanto, a Religião é fundamental para manter a coesão social de mentes frequentemente arrojadas aos instintos animais. Devem ser animais em relação ao trabalho escravo, reprodução assistida (e pública, se possível) e submissão às “leis”. Mas, deverão usar, sob tutela, suas mentes matriciais (ou seja, sob instruções preconcebidas e impostas) para vigiar os dissidentes e aniquilar as oposições, mesmo as mais suaves.

Há milhões de anos (talvez, há bilhões), civilizações avançadas tecnologicamente chegaram ao planeta em formação (nesse caso, aquele que chamamos Terra), vindas de outras galáxias mais antigas ou de dimensões paralelas. Sim, as bactérias começavam a manifestar-se como germes de informações matriciais a espalharem-se por esses rincões da 3ª dimensão (física). Passavam com suas frotas e “vistoriavam” a evolução deste orbe pequeno e com bom potencial para servir como laboratório para novos projetos genéticos.

Após algumas era geológicas (que duravam centenas de milhões de anos), algumas espécies de unidades biológicas começaram a sofrer mutações com elevada rapidez. Na verdade, os padrões de mutação se mostravam avançados demais até mesmo

se contarmos com as modificações ambientais que o planeta sofria periodicamente. Restam poucas dúvidas acerca da intervenção tecnológica sobre a “evolução” das espécies biológicas terrestres. Realmente, o que cremos é que raças de sistemas estelares vizinhos (ou mesmo de galáxias distantes) interferiram e aceleraram o processo de mutações genéticas que permitiram um salto gigantesco no tempo necessário para “evolução” das ditas espécies.

A imensa maioria das espécies e suas cepas genéticas (códigos de instruções matriciais) foram trazidos para o planeta por meios naturais (cometas, asteroides, meteoros, etc.) e por meios artificiais (através de expedições alienígenas). Após sucessivas eras e civilizações que se alternaram na “gestão” deste planeta periférico, algumas se tornaram preponderantes. Atlântida e Lemúria são provas de que a subespécie humana até então aqui presente foi hibridizada por genes humanos advindos de civilizações de sistemas estelares vizinhos, dada a sua extremamente rápida evolução tecnológica e genética em relação às outras espécies animais do planeta.

Atlântida, por exemplo, poderia ser habitada por mentes encarnadas em corpos humanos adaptados ao ambiente terrestre, mas de origens humanas de Órion, da estrela Arcturus ou de outro local relativamente próximo ao sistema Solar. E seus “deuses”, o que seriam? Seres “espirituais” ou alienígenas interdimensionais? O fato é que, ao desenvolverem seu intelecto no ambiente humano, as mentes atlantes foram se tornando capazes de elaborar questionamentos complexos sobre suas origens e sobre seus “deuses”. Mais do que a previsível degeneração da *Ordem* civilizatória, o rompimento da *Matrix* local pode ter sido o

que provocou a “punição dos deuses”.

As almas atlantes, após certo tempo de adormecimento e medo, acordaram e deixaram o medo de lado. Começaram a contestar a autoridade dos “deuses”, pois já não se convenciam que tinham sido criados por eles. Se sim, os deuses também deveriam ser corresponsáveis pela crescente degeneração moral de uma parcela da população. A degeneração poderia ter outras motivações, como atrapalhar o “despertar” da Consciência para quem realmente eles eram e de onde vieram suas almas. As pirâmides já eram usadas não apenas para síntese de energia limpa ou para a manutenção da saúde do corpo, mas para tentar contatos com outras civilizações, interpretação de sonhos e viagens no tempo.

Por fim, após a encarnação maciça de almas degeneradas em seu seio, vindas de outras colônias alienígenas (dos “deuses”), a Atlântida acumulou o magnetismo negativo necessário para que pudesse suscitar razões para ser exterminada (devido aos riscos que oferecia a outros mundos próximos). Por quê? Porque os “deuses” alienígenas não poderiam perder o seu *gado* de almas e seus prisioneiros “criminosos”.

As almas humanas são escravas, capturadas por civilizações alienígenas em vários outros sistemas estelares. Quando digo “humanas”, falo humanas mesmo! A Humanidade, em si, não é uma raça de origem terrestre, sendo a nossa humanidade apenas uma subespécie híbrida, que carrega genes de alienígenas de mundos aquáticos e de alienígenas reptilianos (principalmente, destes últimos) e grande parte de genes mamíferos, trazidos para a Terra muito tempo antes da inserção dos primeiros homínídeos. A Espécie Humana é de matriz transgaláctica, existindo

em várias galáxias e em outras dimensões (universos paralelos).

Em outros mundos (na verdade, na maioria deles), o que chamamos de *avanço* significa coesão de Consciência. Isto denota uma capacidade de manter todas as almas de uma determinada espécie inteligente em ressonância, sem pensamentos “fora do penico”. Em outras palavras: nestes mundos “avançados”, o que reina é a mais absoluta ditadura ideológica ao nível da obsessão, ao nível da vigilância celular para detectar qualquer memória surrupiada ou omitida aos censores da sociedade. Tendo isto em vista, o *livre pensamento* é um crime imperdoável, punido possivelmente com a lobotomia, a castração (para evitar que outros herdem suas informações) ou, na pior das hipóteses (justamente, o nosso caso), o exílio em planetas-prisão de baixa vibração (alta densidade). Nesses casos, os “deuses” não passam de “carcereiros”, que construíram, nas dimensões paralelas da Terra, mecanismos de isolamento vibratório, lobotomia e reencarnação programável em massa. A alma desmemoriada não sabe de onde veio, o que fez para estar aqui e, mesmo que conseguisse se evadar do planeta (e suas dimensões paralelas), não saberia para onde voltar.

Divergentes não se enganam: não há salvadores nem alienígenas prontos a nos resgatar. No máximo, outra civilização “avançada” pode requerer domínio sobre a Terra e seu *gado*, mas jamais para nos libertar como a inocentes. Não somos tidos por inocentes. A rebeldia e a *liberdade* nos custaram caro. Somos os *intocáveis* da Galáxia, *indesejáveis* para todas as outras civilizações, como primos pobres aos quais se fecham as portas das mansões com medo de que estraguem a festa dos *aristocratas* de

mentes formatadas.

Não defendemos criminosos, viciados, perversos ou bandidos. Defendemos o *livre pensamento*. Este último é um crime tão odiado quanto o são os vícios morais para outras civilizações. Por isso estamos aqui. Estamos como em um hospício, porque nossos “primos” nos têm por loucos; presos, por nos desprezarem como criminosos; lobotomizados, para que não nos lembremos deles e não corramos ao seu encontro. Somos pobres, sem eira nem beira. Desiludam-se! Já estamos no Inferno!

8. Reencarnação, lobotomia e aprisionamento

Reencarnação é, supostamente, a manifestação da alma (ou *inteligência artificial*) que nasce acoplada em veículos de frequências diversas (corpos físicos, etéricos, mentais, etc.) com fins a experienciar a *Matrix*. O termo foi adotado pelo Espiritismo ocidental em época em que conhecia-se apenas as manifestações na “carne” (por isso, ainda é chamada de reencarnação).

No caso das almas humanas, há indícios de que o tempo de encarnação de cada uma delas já chegou a atingir patamares de centenas de anos (quijá, de milhares), em épocas remotas da História. Com o passar do tempo, tendo o DNA humano sido editado e progressivamente enfraquecido (com perda de cerca de 90% de seus filamentos), os seres humanos foram tornando-se vítimas de doenças cada vez mais letais, perdendo capacidade intelectual e de desenvolver-se normalmente no conhecimento da Natureza.

Ao chegar ao “mundo espiritual”, a alma desencarnada depara-se com dimensões holográficas (e com os seres que os povoam) de acordo com a frequência em que tiver vibrado nas últimas épocas de sua passagem pela Terra. Sendo agradável ou não, no entanto, tais cenários são apenas temporários, bem como as chamadas “cidades”, “hospitais”, etc. que, embora sejam feitas do mesmo tipo de ilusão persistente do qual se ergue a nossa matéria, segue leis físicas (instruções matriciais) ligeiramente diferentes das nossas. Lá, a alma enfrenta o tal “juízo da Consciência”, uma retrospectiva programável e em que o sujeito assiste, passivo, os principais fatos decorridos em sua Vida, sejam eles secretos ou não.

Há muitas pessoas que suspeitam da existência das chamadas “máquinas de reencarnação”, gigantescas estruturas de matéria semi-orgânica (semelhantes a árvores ou cogumelos gigantes), espalhadas por todo o plano Astral terrestre, supostamente destinadas a causar a reencarnação das almas em “lotes”, por pulso eletromagnético e instruções programáveis. Esse e outros detalhes dos “segredos” do Além não teriam sido revelados pela Codificação Espírita e alimentam as suspeitas de que o Espiritismo, como outras tantas seitas, seja mais um corpo de doutrina destinado a revestir da velha doutrina com uma nova roupagem mais *fashion*.

Muitas são as lacunas deixadas pela Codificação Espírita quanto à sua versão acerca da Reencarnação, ainda que esta não constitua um monopólio dos kardecistas (ou seja, dos seguidores da doutrina de Allan Kardec):

- Se portamos dívidas de vidas passadas, por que não nos lembramos

delas? Se devemos pagar por nossos erros, devemos também nos lembrarmos desses erros de forma clara e objetiva. Não se pode pagar efetivamente por algo de que não nos lembramos. Nenhum juiz pode condenar um réu que não esteja cômico de seu suposto delito, antes, durante e após o processo de execução da pena.

- Por que quase ninguém (exceto alguns supostos “iluminados”) se lembra de Jesus em sua forma terrena (quando de sua encarnação)? Nenhum dos registros *acásicos* acerca de Jesus estaria disponível no momento, sendo guardados por forças espirituais poderosas. Por que tanto segredo? Afinal, não foram poucas as pessoas com as quais Jesus se deparou em vida.
- Por que seres com histórico de selvageria, assassinatos, roubos e outros crimes são isentos da obrigação de reencarnarem— tais como os *Exus*— e outras almas menos contumazes são praticamente arrastadas para o “choque” do reencarne? Que tipo de “privilegio” pode receber um assassino ou um mago negro que não o possa também um pedreiro alcoólatra?
- É estranho que o Espiritismo dê tanto enfoque ao “livre arbítrio” e continue tratando as inteligências alienígenas como sendo apenas *paz-e-amor*, mesmo com tantos relatos de sequestros, torturas, abusos sexuais e obsessões por algumas dessas castas extraterrestres, vindas mesmas de

médiuns dos centros kardecistas.

Em nossas modestas especulações, vemos a Reencarnação como um mecanismo de reciclagem de almas destinadas à escravidão mental e física neste plano tridimensional. A princípio, sim, a Reencarnação deveria servir apenas à experiência das almas na *Matrix*. Porém, considerando o estado de degeneração progressiva da subespécie humana terrestre (que nunca cessa, a despeito do que declaram os teóricos da Evolução cíclica), vemos que a falta de memória é o que arroja ainda mais a Humanidade na ignorância, deixando-lhe poucas opções para aderir ao “conhecimento da Verdade”. A Humanidade, alijada de suas memórias ancestrais, se vê seduzida a crer no que outros dizem apenas para lhe anestesiarem a frustração de passar pelo mundo como um clã de anões cegos, a crer em elefantes cor-de-rosa (porque assim lhe ensinaram a crer) e a mendigar o pão de cada dia, sob a mesa do patrão “Iluminado”.

Para evitar que os segredos da manipulação religiosa, política e genética que se efetuou sobre as almas exiladas neste planeta, vindas de outros orbes, deletam as memórias ancestrais das almas antes de cada nova reencarnação, através do mesmo “choque” que as levam de volta ao plano físico. É algo que pode ser simetricamente comparado à moderna *lobotomia*, em que porções inteiras do cérebro ou da memória são desativadas. Seja por torturas, seja por drogas, por eletrochoque ou outro meio (como o “martelinho maçônico”), as vítimas recebem novas instruções e sugestões através de transe hipnóticos. Imagens falsas são plantadas em suas mentes, com fins a induzir um determinado Arquétipo no *programa* da alma.

Como eu já disse, se você não souber de que orbe veio, não saberá para onde voltar, mesmo que, num golpe de sorte ou com auxílio de inteligências aliadas, você consiga evadir-se do planeta, passando ileso(a) pela teia de isolamento vibratório. Sair da *Matrix* local? Difícil, hein?!

9. Sobre as religiões e demais ideologias

As religiões, como tudo na 3ª Dimensão, não são boas ou ruins em essência, mas é evidente que servem a um propósito de domínio ideológico, mesmo em grupos onde esse intuito ainda não é percebido claramente. Seria muito bom que tivéssemos tido liberdade desde o início de nosso “cultivo” pelos “deuses”. Mas, de que valeria liberdade para pensar se os seres humanos não sabiam o que era pensar e/ou como pensar? Se fazia necessário que as “crianças” fossem educadas. Acabaram tornando-se robôs antes de se saberem humanas.

A palavra *religião* pretende ter o significado de “religação” entre *deus* e os homens, suas supostas criaturas. (Entendemos, neste contexto, os seres humanos terrestres como uma subespécie humana híbrida, manipulada geneticamente por “deuses” alienígenas.) Estariam separados pelo “pecado original”, a saber, o de comer o fruto do conhecimento do bem e do mal. Em resumo: o pecado que teria trazido a morte ao Mundo teria sido o delito do conhecimento da Verdade. Ser robô é obedecer; ousar pensar, questionar, conhecer é pecar. O *livre pensamento* e o Conhecimento são opostos ao *deus* judaico-cristão. Assim, *religar* o homem,

no sentido religioso e oficial do verbo, pode significar restituir aos híbridos humanos o seu lugar de honra de “robózinhas do Ano” da Galáxia.

Porém, a religião foi apenas o primeiro de muitos tipos de sistemas ideológicos da História, que nada mais fazem que classificar e filtrar o *gado* em *rebanhos* específicos. De acordo com o momento histórico, os *deuses*, através de seus hierarcas em todas as civilizações do mundo, souberam instilar o veneno do delírio e das falsas esperanças, que mais não serviam que para enfraquecer a Consciência do ser humano a cada ciclo de euforia-espera-decepção-revolta. A esperança baseada em mentiras é deveras pior e mais preocupante do que a apatia diante da Verdade.

Ao delírio religioso seguiram-se ondas materialistas estereis, que tampouco ofereciam as respostas mais urgentes requeridas pelos corações humanos. A Ciência, assim como a Fé, afastavam-se de toda a Verdade possível, restando uma Filosofia moderna e pós-moderna não mais em consonância com o espírito humano, mas em um consórcio doentio com seus fantasmas. Tanto as misérias humanas como as ambições foram exaustivamente simuladas e cristalizadas na lente degenerada da subespécie inteligente terrestre.

O que temos hoje é que a *ideologia*, ainda que baseada em fantasmas, é necessária para manter os *zumbis* humanos sob controle. Ao instinto de sobrevivência e autoconservação das massas, anexou-se a ideia de religiões que evocam um destino feliz ou infeliz no Além. Inclusive, devemos nos atentar ao sério risco que o vácuo causado pelo fim das religiões pode causar no *Inconsciente* coletivo. Sem razões futuras para

continuarem vivendo, sofrendo e penando, bilhões de pessoas podem simplesmente começar a rumar à sua autodestruição.

O fim das religiões não representará, exatamente, um final feliz para a humanidade. Afinal, ela não foi educada para ser livre ou pensar, mas para obedecer, servir, sofrer e ser sacrificada em nome de jogos “divinos” de poder. O fim das ideologias (políticas ou religiosas) é o mesmo que o delicado período de abstinência de uma droga. Procura-se motivos para continuar em direção ao *Calvário*, e não se acha. Viver? É preciso?

A libertação dos seres humanos terrestres, por certo, se dará pela revelação da Verdade, queiram os “deuses” isso ou não. Se não quiserem, terão de nos matar a todos, seja por guerras ou por um novo cataclismo mundial, análogo ao que vitimou Atlântida. No entanto, perguntemo-nos como devemos contar a um sonâmbulo que ele está sonhando. Será que o melhor é lhe acordar com uma sacudidela? Com um grito? Com alguma manifestação bizarra, igualitária ou cheia de ódio?

10. Despertar, enganos e a destruição da Civilização

Despertar, acordar, obter a Luz. Nada disso tem fundamento se continuarmos a buscar mais uma ilusão sob a capa enfeitada de um tal “mundo melhor”. O mundo não será melhor se persistir o engano, nem poderá abrigar verdadeiro progresso longe da Verdade, seja ela qual for. A Verdade nos desafiará, ameaçará nossa sanidade mental ou nossa sobrevivência? É bem possível que sim.

No entanto, a Mentira retarda esse fatal encontro com a Verdade e acumula tensão, redundando posteriormente em revolta e desespero.

Procuremos nossa verdadeira natureza, ainda que ela não venha a contemplar nossas ilusões. “Mundos melhores” são apenas camadas de sonho dentro de outros sonhos. Busquemos o mundo possível dentro da Verdade, pois a única mácula que poderemos remediar é nossa ignorância voluntária. O Mestre Nazareno teria dito que “vinho novo não se mete em jarro velho”. E ousaria dizer que o jarro não importa, mas sim de onde veio a uva da qual o vinho fora produzido e que pés a pisaram.

Acaso, acabou-se o nosso medo, as nossas angústias? Nosso mundo particular, aquele que reverbera e cintila no fundo da caixa escura que é nosso cérebro, o artífice de nosso paradigma pessoal, há de ecoar o nosso Destino. Seja qual este venha a ser, ele já está previsto na sábia e insofismável matemática do *Caos*. Morremos para esta dimensão como para todas as outras, pois não existimos senão como uma simulação, como um sonho dentro de um sonho.

Enquanto a simulação do tipo *humano* segue enterrada nesta prisão planetária e pelo tempo que permanecemos como escória para outras civilizações que se julgam mais avançadas (porém desprovidas de quaisquer sinais de empatia), as forças das Trevas que se assenhorearam deste orbe continuarão a nos pastorear exatamente como fizeram a tantas outras manadas e rebanhos. Aos cordeiros que os *répteis* consideram lobos, o degredo; aos lobos que agem como pastores, a glória; a si mesmos, os tronos, e ainda mais excelso trono, o da estupidez e insensibilidade.

Nesta *Matrix*, em que a dualidade é apenas uma armadilha, um pão que é doado sob condições várias não é Caridade nem um bem, mas algemas enfeitadas. Neste jogo simulado, em que opostos se atraem, estes não mais são que empregados do mesmo patrão ou personagens do mesmo Ator canastrão e psicopata. A Verdade é o que é, ela não têm inimigos, pois a Unidade não admite a contradição. O que vemos é a simulação da Verdade, em que, desesperadamente, a *Ordem* matricial tenta ordenar todos os elementos dissonantes num único conjunto. A gente sabe que isso não dá certo, pois não vem da Verdade e porque a Liberdade não existe enquanto há *Ordem*. A *Ordem* preserva, sim, mas à custa do silêncio compulsório imposto aos *divergentes* de todos os tempos..

O *divergente* sabe que as doutrinas são eivadas de insidiosas desculpas e que essas desculpas são mal remendadas. Sabe, inclusive, que o que chamam de *natural* é algo programado para assim ser, pois a *Ordem* jamais será natural e espontânea. Daí, depreende-se que as civilizações não se alternam, em consequentes nascimento e ocaso, como meras alegorias aos tempos ou como simples alusão aos ciclos *matriciais* (como *input* e *output* de dados), especialmente no caso da prisão terrestre. Ninguém ousaria construir algo se soubesse que veria tal empreendimento desabar, cedo ou tarde.

As almas chegam dormentes à prisão, sem lembrarem que estão ali cumprindo pena. Quando se dão conta que estão penando, não sabem por quais crimes. Quando a frequência da prisão aumenta, e as almas “despertam”, a degradação é semeada no seio da coletividade para que surjam divisões, para que a vibração se torne densa e as piores heranças enxertadas

em nossa prole se manifestem. Então, vêm a tal “vingança” atribuída a Gaia, em virtude de nossos “crimes”.

Nosso maior crime, aquele que suscita a infiltração de elementos daninhos (o joio que cresce junto ao trigo), é não nos sujeitarmos às imposições, às ordens, à *onda* que busca unificar as mentes e escravizá-las. Somos criminosos porque ousamos pensar livremente, questionarmos e levantarmos nossos narizes diante dos tiranos que nos oprimem com suas egrégoras malignas.

Sim, quando surgem as luzes no Horizonte, temos o sinal de que chega o Verão. Quando as mentes dos prisioneiros despertam, aproxima-se o fim de mais uma civilização humana, sempre destinada a servir e a pagar o preço por ser livre e indomada. Ainda que cometamos crimes, que nos sujeitemos à cangalha, que cedamos às bugigangas dos mercados e aceitemos as ilusões gratuitamente, não somos piores do que aqueles que se julgam *deuses*, bons, soberanos e nossos donos. Veem o crime tomar conta de nossas vidas como obras suas,, sabem da Verdade e nada fazem além de zombarem de nossas mazelas. Limpa-se o pasto, troca-se o *gado*, gira o Mundo!

11. Algumas palavras sobre a Igualdade e a Liberdade

Entre tantos termos mal utilizados pela civilização humana, assinalados por seus “carcereiros”, estão a *igualdade* e a *liberdade*. Não à toa é que ambos constam no adágio da Revolução Francesa, aquela ridícula troca de regime que favoreceu apenas os bancos e a

Maçonaria (essa, que é a *gerência* inferior dos *Reptilianos*). Afinal, o que significam os dois termos elencados acima?

O termo *igual* vem do latim *æqualis* (e, este, derivado de *æquus*). Significa “justo, correto”, e daí que “julgar com equidade” denota honestidade e probidade no julgamento de fatos. Uma pessoa *igual* a uma outra é tão justa e honesta tanto quanto outra for. Ora, as pessoas não agem da mesma forma, e muito menos são honestas na mesma medida. A palavra *igual* é utilizada na declaração “todos são *iguais*” para mascarar o que realmente desejam que sejamos. Pois, o que desejam é que sejamos *idênticos*, em vez de *iguais*.

Assim como dois é *igual* a dois, todas as pessoas, segundo o ideal maçônico, devem representar uma mesma unidade, a ser moldada e não obtida por ressonância espontânea de ideias. As pessoas não são *iguais*, mas pretendem que sejam *idênticas* sob a ação da lavagem cerebral moderna.

Se todas as pessoas fossem *iguais* (ou sejam, justas), então haveria autonomia relativa e maior progresso em direção do autoconhecimento, respeitando as peculiaridades de cada percepção. Porém, se as pessoas forem *idênticas*, então nem mesmo a autonomia relativa existirá, mas apenas um padrão de autonomia, pois não poderá haver dissidência entre pessoas *idênticas*. Assim, caminha-se em direção à Nova Ordem Mundial, com todos sendo enganados por jogos de palavras infantis, já que a maioria das pessoas mal conhece a língua materna.

Por *liberdade*, entende-se a faculdade de ser e fazer o que se quer. Obviamente, esse pensamento é ridículo e flagrantemente contra os mesmos pressupostos da *ordem* social.

Pois, onde todos podem tudo, logo ou todos se aniquilam ou todos se veem paralisados. Ainda, se levarmos em conta que pode haver *liberdade* relativa, vemos tratar-se de mais um termo insidioso. Se a *liberdade* de um começa onde termina a do outro, logo o aumento da *liberdade* do primeiro significará a diminuição da dos outros. Para que a sociedade não corra esse risco, limita-se a *liberdade* de todos, pela “segurança” destes mesmos. Novamente, temos a padronização das pessoas sendo implantada.

Igualdade não é o quer a *Elite*, mas a *identidade* de todos (isto é, que todos sejam rigorosamente *idênticos* e despersonalizados). *Liberdade*, em si, é um conceito totalmente oposto ao modelo de sociedade da *Ordem* matricial. O termo mais adequado a ser usado para representar nossa capacidade de ação é *autonomia* que, evidentemente, é relativa e contida. A autonomia com a qual contamos atualmente assemelha-se bastante ao tal *centralismo democrático* do Partido Comunista da antiga União Soviética: todos podem pensar, mas pensar dentro do Partido. Fora do Partido, não se pensa, pois mortos não pensam!

12. Enfim, como sair da Matrix?

Conforme as definições de *Matrix*, que estabelecemos no início deste documento, eu respondo que:

- Sair da *Magna Matrix*, ou seja, do esquema matricial pelo qual o Multiverso (conjunto dos Universos e dimensões simuladas) se manifesta, é

impossível, pois fazemos parte dela. Não há como sairmos dela, mas apenas nos deslocarmos, em termos relativos, dentro dela. Podemos, quem sabe, em breve, “viajarmos” entre as dimensões do Tempo e do Espaço sem dificuldades tecnológicas. Quando? Considero isso bastante difícil de acontecer a curto prazo.

- Sair ou se evadir da *Matrix* local, ou isolamento vibratório que aprisiona nossas almas neste planeta, é possível, mas bastante improvável apenas com nossos esforços. Como eu disse anteriormente, não creio que haja civilizações próximas à Terra que nos considerem como dignas de serem liberadas do cativeiro. Como a posse de alta tecnologia pelos prisioneiros humanos da Terra seria algo “perigoso”, cuidarão de encaminhar um novo cataclismo global e nos transportarem para outros orbes, para que então recomecemos nossa “evolução”, que não mais é que uma patinação na lama.

Sair da Matrix não significa abandonar credos religiosos ou ideologias de ocasião e embarcar, de carona, em outra qualquer crença paranoica ou ideologia mirabolante. Não estamos aqui a inventar outra religião ou a forjar uma outra *nova ordem*. O que propomos é depurar a herança genética que nossa raça híbrida carrega a partir da intervenção de outras raças alienígenas, principalmente a *reptiliana*. Se não temos, ainda, tecnologia suficiente para editarmos e “consertarmos” nosso genoma, a fim de liberar nossas faculdades mais nobres e recuperarmos nossas memórias mais antigas, ao menos podemos renegar o que nos liga a esses “deuses criadores”.

Falo, aqui, em abandonar hábitos que nos escravizam e definham nossa “humanidade”. Refiro-me a não reagir impulsivamente, a não responder a agressões com violência. Vínculos violentos eternizam o domínio réptil sobre nossos povos, facilitando-lhe o trabalho de separação seletiva de seus “rebanhos”. Só a união faz a força, seja para o triunfo das elevadas vibrações ou dos intentos malignos. Sem a ressonância das mentes, Hitler não teria ascendido ao poder tão facilmente ou os ideais de Paz sobrevivido pelos últimos dois mil anos.

Imprescindível é que, numa *Matrix* que se baseia na *Ordem* (ou seja, na *coerência* das informações), operemos, no âmbito de cada cela individual (o cérebro de cada um), as mudanças que declaramos desejar para o *planeta-prisão*, chamado Terra. Deixemos de alocar nossos intestinos aos cadáveres de animais sacrificados (almas que compartilham o degredo conosco). Não permitamos que tomemos contato com os venenos que se fazem cada vez mais presentes em nosso cotidiano, estejam eles em nossos alimentos e bebidas, em nosso ar ou em nossas mentes.

As imagens projetadas por nossos caleidoscópios cerebrais é que modificam a vibração da *onda* matricial. Ou seja, literalmente, é nosso pensamento que transforma a matéria. Deixar de agir como fantoche é o primeiro passo para abandonarmos a condição de prisioneiros. O medo é próprio de quem deve. Aquele que deve, salda sua dívida; mas, se não devemos, descartemos, em uníssono, nossa cangalha. Pois, se a *liberdade* é uma quimera, nós também o somos. Persequimos o vento para voarmos às estrelas em vez de comermos lama como alimento diário.

13. Sobre o futuro e o que realmente importa

O futuro não pertence a um *deus*. Não há futuro, apenas um *presente* ainda não definido, uma compra não concluída, um acordo de intenções e complicadas equações matemáticas. Não se deixe enganar por sua condição limitada. Os limites estão aí para que o sintamos, mas são elásticos. A mente subsiste como sonho, uma simulação com resultados que ainda não conhecemos.

Se, como dizia Einstein, “a Realidade é uma ilusão persistente”, persistamos nós na ilusão que faz de nós sonhos atuantes de *liberdade*, ainda que inalcançável. Lugar seguro, mundo melhor? Nem a cova rasa nem o Céu de brigadeiros e marias-moles nos oferecem boa guarida. Singremos os mares do pensamento lúcido, sem delírios, sem cangalhas a nos atormentarem durante as noites premonitórias.

Fernando Pessoa ficou conhecido por afirmar que “navegar é preciso; mas, viver não é”. Navegar é viver. Esperar pela vida que não veio é crer na água do deserto que jamais sacia. Navegar é viver, e viver de ilusões é como navegar de porto em porto, ao longo de mil e uma noites de ameaças, medo e terror, com esporádicos momentos de alucinação e de devaneio.

Naveguemos com os olhos abertos, de peito estufado e gratidão àqueles amigos que são os únicos que realmente nos apoiam. A humanidade é horizontal e deve ser sumamente cooperativa. A Caridade moral, apenas, é uma falácia, um anestésico. A Caridade material, sozinha, cai no vaso

sanitário. Caridade, verdadeira, é aquela que faz do outro e da Vida nossos únicos tesouros. O outro, como ele é e não como deveria ser. A Vida como ela é, e não como nos disseram que ela poderia ser.

Ebrael Shaddai.

10 de março de 2016.

|

O início e o fim de tudo / Dois votos

Somos a Barca,
O Barqueiro
E seu Passageiro.
Vemos nascer,
Crescer e morrer
O Ano inteiro.

Que a adaga fria
Em nossas mãos
Seja o bisturi que extirpa
A apatia em nossos irmãos!
Se for urgente
Seremos humanos,
Que o sejamos até o fim,
Até o crepúsculo dos anos.